http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/do-fundo-do-mar/

Do fundo do mar à cidade submersa: entrevista com Vera Reichert

Ana Laura Carnelossi[1]

Entrevista com: Vera Reichert é artista visual. Pesquisa a poética visual das águas e sua produção abrange as seguintes linguagens: fotografia, vídeo, instalações, pintura e esculturas. É autora do livro *A inquietude do olhar*, publicado simultaneamente à sua exposição individual no Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli – MARGS, em 2017. Em todas as suas obras o tema de referência é a água. Os mergulhos que faz no fundo do mar despertaram a preocupação com os recursos hídricos e a poluição da água. Com sua pesquisa chama a atenção para uma maior responsabilidade ecológica.

Entrevistadora: Ana Carnelossi é artista visual. Sua pesquisa tem como eixo os reflexos da água, que atravessam paisagens, memórias e sentimentos. Desenvolve seu trabalho em diferentes linguagens, como pintura, desenho, aquarela e cerâmica. Desde agosto de 2021, cursa bacharelado em artes visuais no Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre, onde vive e trabalha. Ana já participou de exposições como "Lomba Abaixo" na Casa Baka, em Porto Alegre, a qual foi indicada ao prêmio Açorianos de Exposição Coletiva.

Entrevista realizada em 10 de Dezembro de 2024

Chego à casa de Vera. É uma casa grande, cercada por bastante natureza. Fico imaginando o quanto aquele espaço deve ser inspirador, penso em como seria sentar todos os dias em uma pequena cadeira de frente para as árvores e simplesmente sonhar acordada, deixando a imaginação vagar. Imagino o quanto um lugar assim deve alimentar o processo de criação.

Vera está um pouco mais atrás, acompanhada de sua assistente. Ela comenta brevemente sobre o cachorro, que foi quem me recebeu logo que entrei, e vai me guiando até a entrada de seu ateliê,

localizado no centro de Campo Bom, na região metropolitana de Porto Alegre. Mais tarde descubro que Vera não é natural da cidade em que estamos, mas de Não-Me-Toque, no interior do Rio Grande do Sul.

Dentro do ateliê há obras suas espalhadas por todo o espaço. Fico admirando tudo ao redor. Para mim é impossível não relacionar o trabalho dela com o meu. Mesmo que trabalhemos com técnicas diferentes, a temática nos aproxima. Vera tem sua produção voltada para a poética da água, assim como eu. Atualmente, sua representação se direciona para questões ambientais relacionadas a esse elemento, sejam elas marinhas ou até mesmo a enchente que atingiu Porto Alegre em maio de 2024.

Foi justamente esse último acontecimento que me levou a descobrir seu trabalho e despertou meu interesse em entrevistá-la. Vera participou de uma exposição coletiva sobre a enchente, na qual apresentou uma obra que mencionarei mais adiante neste texto. Foi ali que senti uma primeira aproximação com a artista por meio de sua temática.

Vera se senta em uma mesa comprida no centro do ateliê. Ao seu lado está um livro de sua autoria, *A inquietude do olhar*. Ela me diz que o separou para me dar e começa a contar por que decidiu escrevê-lo.

“Uma vez o meu filho falou assim: ‘Ai mãe, quando é que tu fez isso?’. Fiquei pensando que, se nem meus filhos sabem tudo que eu já fiz, imagina meus netos. Então veio a ideia de escrever esse livro e deixar para eles, com uma mensagem sobre a água. Comecei contando tudo: como comecei, minha paixão pela arte, os cursos extensivos que fiz.”

Ela conta que pratica mergulho e que esse interesse surgiu no mesmo período em que começou a desenhar. Explica também que não tem formação acadêmica em artes, mas em Letras. Ainda assim, ao longo de sua trajetória realizou diversos cursos livres na área.

Enquanto Vera me mostra alguns de seus primeiros trabalhos, fica evidente a conexão que, desde o início, ela estabelecia com o mar. Para mim, é curioso perceber essa aproximação, pois sinto que comecei de forma parecida, pintando o mar mesmo que apenas a partir das imagens que via pela televisão.

Ela então abre o livro em uma página com um mapa.

Figura 1 - Mapa de mergulhos



Fonte: retirada do livro “A inquietude do olhar”

“Aqui tem o mapa dos sonhos”, ela me diz.

O mapa aberto sobre a mesa é um mapa-múndi. Pequenos pontos vermelhos marcam diferentes lugares do planeta. Vera passa o dedo por alguns deles e explica: “Esses pontinhos são todos os lugares onde eu já mergulhei. Todos os anos a gente escolhe algum lugar para mergulhar, e em alguns deles eu já voltei mais de uma vez.”

Ela conta que prefere os destinos mais próximos da linha do Equador, onde a água é mais quente. Foi em um desses mergulhos que começou a fotografar corais. Algum tempo depois, ao retornar ao mesmo local, percebeu que muitos deles estavam embranquecidos. A mudança havia acontecido em pouco tempo e estava relacionada ao aumento da temperatura dos oceanos.

O branqueamento dos corais ocorre quando há alterações na temperatura da água. Em alguns casos, quando a temperatura diminui, os corais podem recuperar sua coloração. No entanto, o aumento contínuo da temperatura dos oceanos tem provocado danos cada vez mais graves, podendo levar à morte desses organismos, um fenômeno frequentemente associado ao aquecimento global.

As consequências do branqueamento dos corais mais bem comprovadas estão a redução da capacidade reprodutiva, a diminuição das taxas de crescimento e de calcificação e, em alguns casos, a morte em massa desses organismos, afetando também as diversas espécies marinhas que dependem deles (Glynn, 1993)

Vera então explica que foi a partir dessa experiência que começou a produzir suas esculturas de corais. No livro, o capítulo em que fala desse processo recebeu o título de “A mão do homem na natureza”.

Figura 2 - Sem Título



sem título, 2017
Série Esculturas
Escultura em elastômero termoplástico
31 x 26 x 15 cm
Em exposição
Crédito da fotografia: Douglas Austria

Fonte: Disponivel em: https://verareichert.com.br

“Eu não queria ser escultora”, Vera me diz. “Mas um dia eu vi chegando esse material com essa cor, um tom meio amarronzado. Comecei a olhar para aquilo e enxergar corais. Perguntei o que iam fazer com o material e me disseram que iam jogar fora, porque a máquina tinha dado pane e acabou queimando tudo. Foi por isso que ficou com essa cor.”

Ela explica que isso aconteceu na empresa de seu marido, a FCC, uma indústria química que produz diferentes materiais. Alguns resíduos desse processo acabam sendo descartados, e foi justamente um desses materiais que Vera decidiu reaproveitar em seu trabalho.

Enquanto conta essa história, ela me mostra as esculturas espalhadas pela sala. São formas que lembram corais, feitas de um material plástico em tons amarelados. As estruturas se erguem sobre pedestais e, na base, há espelhos que refletem as formas acima.

Pergunto então sobre o material.

“Isso é borracha sintética termoplástica”, ela explica. “São umas bolinhas brancas que a empresa do meu marido vende para outras empresas. Elas podem virar muitas coisas: a borracha da escova de dente, a ampola de uma injeção, a borracha da porta de um carro… são inúmeras aplicações. E isso aqui embaixo”, diz apontando para o espelho na base da escultura, “eu coloquei porque queria algo que refletisse. Para mostrar a mão do homem na natureza.”

Pergunto se o material já chega nesse formato ou se ela o esculpe.

“Eu trouxe o material bruto para casa. Aquela forma que eu já tinha imaginado, vou modelando e esculpindo conforme essa visão. Também aproveitei a cor do material queimado, porque normalmente ele é branco. De vez em quando ainda vou lá buscar mais, mas nunca mais saiu esse amarelo… porque a máquina não enlouqueceu de novo”, diz ela, rindo.

Em seguida, volta a falar dos mergulhos.

“A grande diferença que eu percebi nos lugares onde mergulhei é a mudança nos corais. No início eles são coloridos, cheios de vida, de todas as cores possíveis. Mas quando você retorna algum tempo depois, muitos estão esbranquiçados. É o clareamento dos corais.”

Enquanto observo aquelas esculturas amareladas refletidas no espelho de suas bases, penso em como essas formas parecem carregar a memória de algo que está desaparecendo. Lembro então de uma reflexão de Ailton Krenak: “Se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos” (Krenak, 2019, p.14).

Talvez, através de seus mergulhos e de sua arte, Vera busque aprofundar esse vínculo com algo que nos antecede, uma aproximação com a natureza e com as formas de vida que habitam o oceano. Ao transformar em escultura aquilo que viu desaparecer debaixo d’água, seu trabalho parece tentar manter viva essa memória.

Enquanto escuto suas histórias e observo os corais refletidos no espelho, percebo que esse movimento também me atravessa. De alguma forma, ao investigar a água em meu próprio trabalho, sinto que também estou tentando me aproximar desse mesmo vínculo, como se a água fosse um lugar onde memória, identidade e experiência se encontram.

Figura 3 - Sem Título



sem título, 2021
Série Esculturas
Escultura em elastômero termoplástico
30 x 25 x 12 cm
Crédito da fotografia: Douglas Austria

Fonte: Disponível em: https://verareichert.com.br

“Por isso você começou a trabalhar também com esse plástico branco? Os corais embranquecem no seu trabalho também?” digo.

“Sim. Esse fenômeno acontece porque os corais estão morrendo. Isso ocorre porque a água do mar está ficando cada vez mais quente. É um sinal de alerta que estou mostrando. Eu quero focar nessas diferenças, então mostro esse ruído da natureza, mas de uma forma esteticamente bonita.”

Ao escrever esta conversa posteriormente, lembrei de um artista fascinante que compartilha uma preocupação semelhante com os recifes de coral, mas com uma abordagem bastante diferente: Jason de Caires Taylor. Enquanto Vera produz esculturas de corais que evidenciam o processo de embranquecimento causado pelas mudanças climáticas, Taylor cria esculturas em tamanho real que são posteriormente instaladas no fundo do oceano.

Suas obras são feitas de concreto marinho especialmente desenvolvido para não causar danos ao ambiente. Além disso, essas esculturas acabam funcionando como novos substratos para a vida marinha, incentivando que corais e outros organismos se fixem nelas e, com o tempo, formem novos ecossistemas.

Sobre seu trabalho, Taylor afirma: “Em meu curto período de vida, vi recifes de coral serem dizimados em um curto espaço de tempo. Então pareceu o casamento perfeito usar minhas habilidades como artista para fazer algo realmente construtivo para o meio ambiente.”

Figura 4 - Inércia



Jason De Caires Taylor
Inércia, 2011
cimento com pH neutro, fibras e agregados
3 x 1,4 x 2,2 m
Local: Punta Nizuc, México

Fonte: Disponível em: https://www.artworksforchange.org/portfolio/jason-decaires-taylor/

As obras de Jason deCaires Taylor frequentemente retratam cenas da vida cotidiana na terra firme. No entanto, essas imagens aparentemente banais carregam mensagens críticas. Um exemplo é a obra *Inércia*, que apresenta um homem sentado em um sofá, comendo um hambúrguer enquanto assiste televisão, uma imagem que sugere a apatia da humanidade diante das mudanças climáticas e do aquecimento global.

Essa ideia me faz lembrar de algo que Vera havia me explicado anteriormente sobre o título do capítulo de seu livro, “A mão do homem na natureza”. Em suas esculturas, a base do pedestal é um espelho. Segundo ela, quando o espectador se aproxima muito da obra, consegue ver sua própria mão refletida na superfície. Esse gesto funciona como uma metáfora: quando o homem se aproxima da natureza dessa maneira, muitas vezes não é para preservá-la, mas para destruí-la.

Chegamos então ao ponto que mencionei no início deste texto, a exposição que me levou a descobrir o trabalho de Vera. Intitulada *Marco Zero*, a mostra foi realizada no Museu de Arte do Paço de Porto Alegre (MAPA), localizado no Paço Municipal, em Porto Alegre. A exposição ocorreu entre 19 de outubro e 22 de novembro de 2024, sob curadoria do artista e produtor cultural André Venzon.

“A gente chamou de Marco Zero porque ali é o marco zero de Porto Alegre”, explica Vera. “As obras que apresentei naquela exposição são as colunas d’água. Elas representam a extensão dos rios. São quatro rios que deságuam no Guaíba, mas eu coloquei cinco, tratando do Taquari, que sempre é o que mais entra no Jacuí e acaba desaguando aqui no Guaíba. Foi um gesto meio simbólico.”

-

Figura 5 - Colunas d’água



Colunas d'água, 2024
Impressão digital sobre acrílico iluminado
25 cm de diâmetro cada coluna
tamanho diverso da instalação

Fonte: acervo da entrevistada

“E como você teve essa ideia?” questiono.

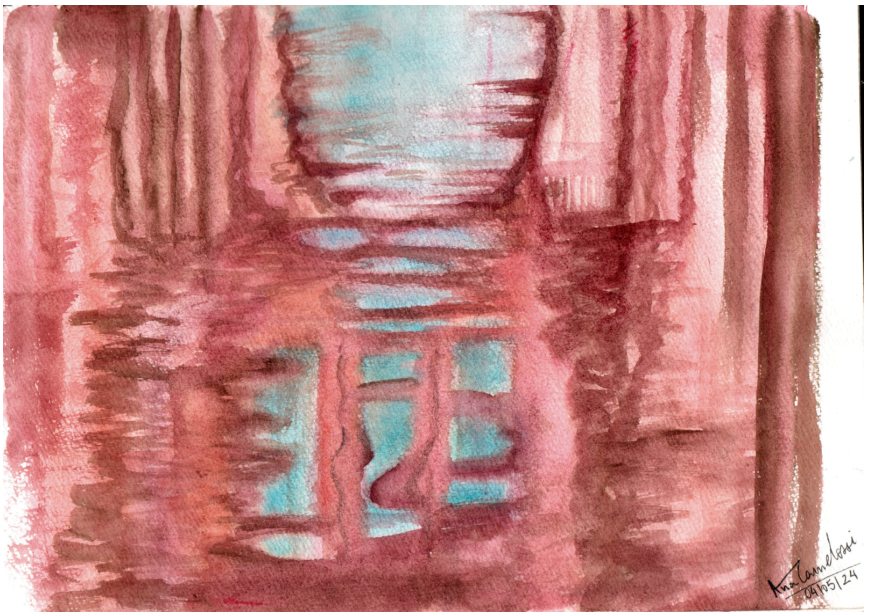
“As alturas diferentes são proporcionais às extensões dos rios”, ela explica. “E aquela coluna onde está a frase do Mário Quintana marca até onde a água subiu: 2,3 metros. Eu também fotografei os rios e usei essas imagens como projeções.”

“E como você escolheu essas fotografias?”

“São todas da enchente. Eu tirei muitas fotos: fotografei aqui o rio dos Sinos, o Jacuí, as margens dos rios… Depois fui selecionando aquelas que achava que poderiam funcionar melhor na obra.”

Enquanto ela fala sobre o processo de registrar os rios durante a enchente, começo a me lembrar do meu próprio percurso naquele período. Recordo que a obra *Casa de Cultura* foi a primeira que realizei. Ela surgiu logo no início da enchente, em um momento marcado pela ansiedade de ver tantos lugares do meu cotidiano submersos pela água. Para lidar com esse sentimento, encontrei na pintura uma forma de atravessá-lo. Foi assim que comecei a transformar aquelas imagens em aquarela, como uma tentativa de elaborar, através da arte, aquilo que estava acontecendo diante de nós.

Figura 6 - Casa de Cultura



Ana Carnelossi
Casa De Cultura, 2024
Aquarela sobre papel
20 x 30 cm

Fonte: acervo do autor

“E qual é o significado dessa obra? É uma tentativa de trazer a memória da enchente? Tu achas que, daqui a alguns anos, as pessoas ainda vão se lembrar e relacionar isso?” pergunto.

“Muita coisa na arte contemporânea precisa de uma pequena explicação”, responde Vera. “É preciso situar o espectador. Se tu queres saber o que o artista pensa, muitas vezes é necessário ler sobre o trabalho.”

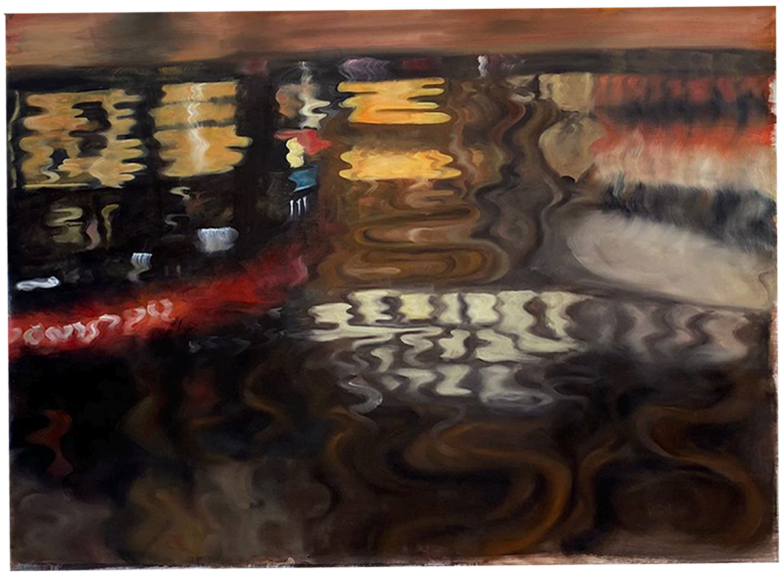
Ela então aponta para as imagens projetadas na instalação.

“Aquelas imagens são da água barrenta da enchente que assolou o Rio Grande do Sul. É algo que dificilmente vamos esquecer. A enchente de 1941, por exemplo, a gente sempre ouviu falar. O próprio Mário Quintana, quando escreveu sobre ela, disse: ‘Um rio de poetas adentro’. Era como se o rio entrasse portas adentro. E agora tivemos algo ainda pior do que aquilo que aconteceu em 1941.”

Isso me fez perceber como acontecimentos que marcam profundamente um território muitas vezes não ecoam com a mesma intensidade em outras regiões do país. Embora hoje as pessoas ainda se lembram do ocorrido, eu sou paulista e nunca tinha ouvido falar da enchente de 1941 até vir para Porto Alegre. E aquilo que para mim era só uma história que eu ouvia falar um pouco, retornou como realidade. Essa experiência reforça a compreensão de que a arte não está presente apenas como objeto de contemplação estética, mas também como meio de preservação da memória. Ao registrar e elaborar essas experiências, a arte possibilita que essas narrativas ultrapassem os limites do lugar onde aconteceram, levando-as para outros espaços e outros olhares.

Acho que foi nisso que pensei enquanto pintava minhas outras telas sobre a enchente. Havia um desejo de que aqueles espaços tão importantes para a cultura da cidade também tivessem seu trauma compartilhado. Que a memória do que aconteceu com eles pudesse seguir adiante, atravessando o tempo e alcançando outros olhares, não apenas os de quem viveu aquele momento, mas também os de quem não esteve ali. Ao pintar esses lugares submersos, procuro criar uma forma de manter viva essa lembrança, fazendo com que essas paisagens marcadas pela água continuem a reverberar na memória coletiva através da pintura.

Figura 7 - Mercado Público



Ana Carnelossi
Mercado Público, 2024
Óleo sobre tela
100 x 150 cm

Fonte: acervo do autor

Figura 8 - Memorial



Ana Carnelossi
Memorial, 2025
Acrílica e pastel oleoso sobre tela
80 x 120 cm

Fonte: acervo do autor

Bibliografia

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo (Nova edição)**. Editora Companhia das Letras, 2019.

REICHERT, Vera. **A inquietude do olhar (The restless eye)**. Porto Alegre: Ed. da Autora, 2017. 254p.

Glynn, P. W. **Coral bleaching: ecological perspective.** Coral Reefs 12, 1993, 1-17.

DATTARO, Laura. **Stunning underwater sculptures help protect reefs**. *The Weather Channel*, 22 jan. 2014. Disponível em:

https://web.archive.org/web/20150405033644/http://www.weather.com/science/news/stunning-underwater-sculptures-help-protect-reefs-20140122. Acesso em: 8 mar. 2026.

Jason deCaires Taylor. **Jason deCaires Taylor**. Art Works for Change. Disponível em: https://www.artworksforchange.org/portfolio/jason-decaires-taylor/. Acesso em: 8 mar. 2026.

GEILING, Natasha. **Can underwater art save the ocean's coral reefs?** *Smithsonian Magazine*, 10 jun. 2014. Disponível em: https://www.smithsonianmag.com/travel/underwater-museum-180951559/. Acesso em: 8 mar. 2026.

Recebido em: 15/02/2026

Aceito em: 15/09/2026

---

[1] Cursa bacharelado em artes visuais no Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). analauracarnelossi@gmail.com